

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *A Crítica*

Class.:

Data: *04.03.75*

Pg.:

Método *A Crítica*  
da FUNAI leva o índio ao  
exterminio *413175*

Uma proibição feita pelo sertanista Gilberto Pinto aos índios waimiris-atroaris para que não construísem um roçado nos arredores do posto Abonari II foi uma das razões que levaram o tuchua Maroaga e o seu genro Comprido a comandarem o massacre de dezembro que vitimou quatro funcionários da FUNAI. Essa versão foi dada ontem pelo mateiro Milton Lolli — também horticultor e avicultor —, que passou 30 dias na região indígena trabalhando como mateiro contratado pela FUNAI, mais com o objetivo de estudar os costumes dos índios do que para ganhar o salário de 775 cruzeiros, que acabava não recebendo, por ter sido dispensado ao ser descoberto pela FUNAI de que a sua missão era a de levantar subsídios para um livro que ele e o escritor Francisco Rodrigues pretendem escrever sobre os waimiris-atroaris.

— Dos contatos que manteve no acampamento do 6o. BEC e dos depoimentos que tomei de funcionários que conviviam no posto atacado, disse Milton Lolli, uma coisa está certa: os índios só atacaram e massacraram o sertanista Gilberto Pinto porque tiveram negado o pedido que fizeram uma semana antes à FUNAI de construírem um roçado nas proximidades do posto Abonari II. Para Lolli, "os índios, que estão sendo cada vez mais vilipendiados na sua cultura e discriminados nos seus bens — a terra — pelos invasores, queriam testar, ao pedir para fazerem o seu roçado junto ao posto, a amizade dos homens da FUNAI e a confiança que haviam depositado no sertanista Gilberto Pinto".

Segundo Milton Lolli, como os índios não foram atendidos em suas pretensões, resolveram então mostrar de que o civilizado continua usurpando dos seus direitos, ferindo seus costumes e tradições. "O índio é como criança: quando pede uma coisa, tem de recebê-la; mas nem a FUNAI faz para contentar o índio, quando isso é fundamental no processo de pacificação e aculturação das tribos". Lolli observa que os waimiris-atroaris não vêm sendo tratados de maneira a que se identifiquem com a civilização, que "avança maciçamente para as suas terras", nisso residindo o grande erro da FUNAI, que para ele "continua a falhar na sua política indigenista, contratando homens ignorantes e de baixa formação cultural, além de não procurar catequisar o índio para que ele possa enfrentar os costumes e hábitos que a civilização levará para a sua tribo".

— Eu tenho mais medo desses novos homens que a FUNAI contratou do que mesmo dos índios, arredios e guerreiros como são. Esses índios já estão de certa maneira conscientizados

para receber a civilização que deles se aproxima. Mas estão sendo humilhados, feridos em seus princípios tribais, daí a revolta, a ânsia de matar o branco. E a única maneira de os índios vingarem a morte dos seus antepassados e chefes guerreiros é matando o pessoal da FUNAI, que para eles mentem e procuram afastá-los de sua comunidade, de sua tribo.

INVASORES

Milton Lolli, que já conviveu durante quatro anos com os índios bororós três meses com os pacaas novas e bacairis, estudando seus comportamentos em relação à integração do índio à civilização, afirma que os waimiris-atroaris estão sendo expulsos de suas terras por caçadores e mateiros que invadem a região, "sem que isso seja evitado pela FUNAI". Esses invasores, além de privarem os índios da caça, destroem suas plantações e criações de galinhas e outros animais. E segundo Lolli, "os índios só têm uma alternativa: é pedir garantias à FUNAI, para poderem plantar os alimentos essenciais à sua sobrevivência. E como tiveram recusado o seu pedido, de construírem uma roça próximo ao posto, decidiram matar a quem impedia que eles se preparassem para enfrentar a ação dos invasores: mataram o amigo e confidente Gilberto Pinto, para provarem de que o branco, que mais se aproximou deles, de que nada ao índio pode ser negado.

RELAÇÃO

Milton Lolli não conseguiu completar o levantamento que desejava fazer sobre os waimiris-atroaris. A FUNAI o impediu, temendo, segundo ele, que muitas verdades sobre os erros de pacificação dos índios fossem à público, "e que cometeria toda a estrutura do órgão". No seu trabalho, Lolli procuraria fazer um relacionamento étnico entre o índio e o caboclo regional, observando seus comportamentos e costumes. Para ele, há pouca diferença entre o índio e o caboclo amazônico: este está mais em contato com a civilização, embora de forma distorcida e prejudicial; o índio, em situação idêntica, mas com uma desvantagem, a de que não sabe como enfrentar os perigos de uma civilização que o levará à degradação tribal.

— Os índios, hoje, vivem de forma aleatória, e essa situação complicou-se mais ainda devido unicamente aos processos de pacificação impostos pela FUNAI, que não oferece às tribos as mínimas condições de sobrevivência; pelo contrário, está levando-as ao extermínio — concluiu Milton Lolli.